



Caminhos e colheita

Ensino e pesquisa na
área de inglês no Brasil

Organizadoras

Cristina Maria Teixeira Stevens

Maria Jandira Cavalcanti Cunha

N.Cham. 802.0:37 C183c

Título: Caminhos e colheita : ensino e pesquisa na
área de inglês no Brasil .



10024949
540609

Ex 6 UnB BCE AGE



Caminhos e colheita é uma contribuição para o mapeamento da área de inglês no Brasil, iniciada formalmente na década de 1940. A construção de sua memória é tarefa inadiável, considerando-se a riqueza das atividades desenvolvidas na área ao longo dessas décadas. Para execução deste projeto historiográfico, reunimos professores e pesquisadores de várias instituições brasileiras. Em seus artigos, eles não tratam exclusivamente da língua inglesa como parte do processo educacional brasileiro, mas exploram o ensino e a pesquisa das literaturas em língua inglesa. Analisam os níveis secundário e superior – graduação e pós-graduação – em instituições públicas e privadas e também discutem perspectivas futuras para a área no Brasil.

Caminhos e colheita

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor

Lauro Morhy

Vice-Reitor

Timothy Martin Mulholland

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor

Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Elizabeth Cancelli

Conselheiros:

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,
Dione Oliveira Moura, Henryk Siewierski,
Jader Soares Marinho Filho, Marília Steinberger,
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



Caminhos e colheita

Ensino e pesquisa
na área de inglês no Brasil

Cristina Maria Teixeira Stevens
Maria Jandyra Cavalcanti Cunha

(ORGANIZADORAS)



Equipe editorial: Severino Francisco (Supervisão editorial); Ludimila Viana
Barbosa (Preparação de originais e revisão); Eugênio Felix Braga
(Editoração eletrônica); G+Design (Capa);
Elmano Rodrigues Pinheiro (Supervisão gráfica)

Copyright © 2003 by Cristina Maria Teixeira Stevens e
Maria Jandyra Cavalcanti Cunha (Organizadoras).

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília
SCS Q. 02 Bloco C nº 78 Ed. ~~OK~~ ~~anda~~
70300-500 – Brasília, DF
Tel: (0xx61) 226-6874
Fax: (0xx61) 225-5611
editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser
armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito
da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

C183 Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês
no Brasil / Cristina Maria Teixeira Stevens e Maria
Jandyra Cavalcanti Cunha (organizadoras). – Brasília :
Editora Universidade de Brasília, 2003.
280 p.

ISBN: 85-230-0735-0

1. Língua inglesa-ensino. 2. Literatura inglesa-ensino.
I. Stevens, Cristina Maria Teixeira. II. Cunha, Maria Jandyra
Cavalcanti.

CDU 802.0:37
820:37

*What is a map?
A picture of the Whole, or a part
Of the Earth's surface.*

Elizabeth Bishop, *Poems*

*But a crop is a crop
And who's to say
When the harvest shall stop?*

Robert Frost, *Gathering leaves*

A Kera Stevens,
que é parte desta história

Sumário

ORGANIZADORAS, 11

COLABORADORES, 13

APRESENTAÇÃO, 17

CAPÍTULO 1

ONTEM E HOJE NO ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL, 19

José Carlos Paes de Almeida Filho

CAPÍTULO 2

UMA VISÃO GERAL DO ENSINO DE INGLÊS NO BRASIL, 35

Sara Walker

CAPÍTULO 3

A LDB E A LEGISLAÇÃO VIGENTE SOBRE O ENSINO E A FORMAÇÃO DE PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA, 53

Vera Lucia Menezes de O. e Paiva

CAPÍTULO 4

DA DIDÁTICA À PEDAGOGIA: UMA DESVENTURA BRASILEIRA DE PROPORÇÕES PEDAGÓGICAS, 85

Lynn Mario T. Menezes de Souza

CAPÍTULO 5

A PEDAGOGIA CRÍTICA, A ESTILÍSTICA E O ENSINO DAS LITERATURAS EM LÍNGUA INGLESA, **107**

Sonia Zyngier

CAPÍTULO 6

A PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL – RESGATE E RUMOS, **127**

Cristina Maria Teixeira Stevens

CAPÍTULO 7

MOMENTOS HISTÓRICOS NA PESQUISA DA ÁREA DE LÍNGUA INGLESA, **169**

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha

CAPÍTULO 8

O ENSINO DO INGLÊS NO FUTURO: DA DICOTOMIA PARA A CONVERGÊNCIA, **225**

Vilson J. Leffa

CAPÍTULO 9

ASSOCIAÇÕES DE PROFESSORES DE INGLÊS, **251**

Carlos Daghlian

CAPÍTULO 10

QUANDO, COMO E POR QUE APRENDI INGLÊS: AS NARRATIVAS DE FRANCISCO, HILÁRIO, ANTONIETA, MUNIRA E NORA, **267**

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha

Cristina Maria Teixeira Stevens

Organizadoras

CRISTINA STEVENS é doutora em literatura inglesa pela Universidade de São Paulo, tendo feito seu mestrado em Letras, área de língua inglesa e literaturas correspondentes, na Universidade Federal de Santa Catarina. É professora de literaturas de língua inglesa do Departamento de Teoria Literária e Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Organizou o livro *Quando o tio Sam pegar no tamborim: uma perspectiva transcultural do Brasil* (Brasília, Plano, 2000). Foi secretária da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (Anpoll) e vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos Americanos (Abea). Atualmente é secretária da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês (Abrapui).

MARIA JANDYRA CAVALCANTI CUNHA doutorou-se em lingüística na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Lancaster, Inglaterra, tendo obtido seu grau de mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina, na área de língua inglesa e literaturas correspondentes. Com Cristina Stevens, liderou a reformulação acadêmica do antigo mestrado em língua inglesa para o atual mestrado em lingüística aplicada (concentração na área de ensino/aprendizagem de línguas) no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília. Hoje é pesquisadora associada desse programa. Publicou vários artigos no Brasil e no exterior e organizou (com

Percília Santos) as obras *Ensino e aprendizagem de português para falantes de outras línguas* (Brasília, Editora UnB, 1999) e *Tópicos em português língua estrangeira* (Brasília, Editora UnB, 2002), que incluem artigos voltados para a aprendizagem de nossa língua por anglofalantes.

Colaboradores

CARLOS DAGHLIAN é doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, com mestrado na Universidade Pepperdine, Los Angeles, EUA. É livre-docente e titular pela Universidade Estadual de São Paulo, onde leciona Teoria Literária e Literatura Norte-Americana no Departamento de Letras Modernas. É diretor das revistas *Estudos Anglo-Americanos*, e *Stylos*, do Programa de Pós-Graduação em Letras do Ibilce/Unesp. É autor da obra *Os Discursos americanos de Joaquim Nabuco* (Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1988) e organizador do livro *Poesia e música* (São Paulo, Perspectiva, 1985), tendo publicado vários trabalhos em periódicos nacionais e internacionais. Foi biografado, em 2001, por George Monteiro, em publicação da *Emily Dickinson International Society*, a propósito de suas atividades relacionadas com a poesia dessa autora. Desde 1976, é presidente da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês (Abrapui).

JOSÉ CARLOS PAES DE ALMEIDA FILHO é professor de lingüística aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, com área de concentração no ensino/aprendizagem de línguas. Orientou várias teses de mestrado e doutorado sobre os processos de ensinar e aprender língua inglesa. É autor do livro *Dimensões comunicativas no ensino de línguas* (Campinas, Pontes, 1993), hoje na terceira edição,

e organizador de outros quatro livros na área de português-língua estrangeira. No ano de 2000, por ocasião da comemoração dos 500 anos do Brasil, ofertou a disciplina História do Ensino de Línguas no Brasil, até então inédita no país.

LYNN MARIO T. MENEZES DE SOUZA nasceu no Iêmen e criou-se na Inglaterra, onde fez bacharelado em lingüística pela Universidade de Reading. Em meados da década de 1970, foi professor de Letras na Universidade de Moçambique. Desde 1988 leciona língua inglesa e literaturas em língua inglesa no Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo. No início da década de 1980, elaborou, como co-autor, alguns dos primeiros conjuntos de livros didáticos do ensino comunicativo no Brasil – *English in Brazil*, e *Time educational program*. Coordenou o primeiro conjunto de livros didáticos do ensino comunicativo para o ensino de inglês na rede escolar – *Out turn* – no início da década de 1980. Publicou diversos artigos em periódicos e livros nacionais e estrangeiros nas áreas de ensino de inglês, lingüística aplicada, literaturas pós coloniais, ensino de literaturas e, mais recentemente, sobre letramento multimodal e escritas indígenas no Brasil e nas Américas.

SARAH WALKER nasceu na Inglaterra, onde se graduou em línguas modernas na Universidade de Oxford e obteve o título de mestre em estudos latino-americanos na Universidade de Londres. Ensina inglês no Brasil desde 1967, tendo trabalhado na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, no Rio de Janeiro, e no Instituto Britânico Independente, em Brasília. Hoje é professora do Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores, onde ensina inglês instrumental para diplomacia. Atualmente dá consultorias a diversas entidades, tais como o Banco Central do Brasil, Banco do Brasil, AS e o Con-

selho Britânico. Entre suas publicações, destaca-se *English 2000 landmark review of ELT in Brazil* (The British Council, Londres, 1997 e 2000). Foi presidente do Braz-Tesol (1998-1999) e da Laurels (1990-1991).

SÔNIA ZYNGIER é doutora em lingüística aplicada pela Universidade de Birmingham, com mestrado em literatura inglesa pela Universidade de Liverpool. É professora de língua e literaturas em inglês na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É também diretora adjunta de cultura e extensão da Faculdade de Letras. Grande parte de seu trabalho é voltado para a estilística e o ensino de literaturas em inglês, incluindo um livro didático de estilística e conscientização literária. Sua área de pesquisa inclui análise do discurso e estilística pedagógica, desenvolvendo no momento, projeto na área da ciência empírica da literatura e suas implicações para a educação literária.

VERA LÚCIA MENEZES DE OLIVEIRA E PAIVA é professora de língua inglesa na Faculdade de Letras da UFMG e atualmente preside a Comissão de Especialistas de Ensino de Letras da Sesu-MEC e a Associação de Lingüística Aplicada do Brasil. Orientou dissertações de mestrado e doutorado nas áreas de lingüística aplicada e de análise do discurso. Organizou três livros, tendo ainda publicado trabalhos no Brasil e no exterior. Sua pesquisa atual foca a interação e a aprendizagem em ambiente virtual.

VILSON J. LEFFA doutorou-se em lingüística aplicada pela Universidade do Texas, com mestrado em Letras (área de língua inglesa e literaturas correspondentes) da Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalhou na Universidade Federal do Rio

Grande do Sul e atualmente é professor da Universidade Católica de Pelotas. Foi duas vezes presidente da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (Alab). Pesquisa na área de leitura, escrita e política do ensino de línguas estrangeiras. Tem artigos publicados no Brasil e no exterior. No Brasil publicou a obra *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística* (1996) e organizou várias outras: *Autonomy in language learning* (1994), *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação* (com Aracy Pereira, em 1999), *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem* (2000) e *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão* (2001). Organizou também o CD-ROM *Textos em linguística aplicada (Tela)* (2000). Mais recentemente concentrou-se no estudo das novas tecnologias no ensino de línguas, incluindo o computador e o ensino a distância.

Apresentação

O projeto deste livro foi adiado várias vezes em função de compromissos acadêmicos urgentes, mas não necessariamente mais importantes. Há algum tempo vínhamos sentindo que o ensino de inglês no Brasil, iniciado na década de quarenta, precisava ser mapeado. Acreditávamos que fosse importante contribuir para a construção da memória da nossa área.

Felizmente, para isso, conseguimos reunir uma equipe de brilhantes colaboradores interessados em integrar nosso projeto, o que nos possibilitou organizar este livro. Oriundos de várias universidades brasileiras, a contribuição desses professores e pesquisadores evidencia também a diversidade da experiência acadêmica e profissional em nosso país.

Os artigos aqui compilados não se limitaram à presença da língua inglesa como parte do processo educacional brasileiro, mas igualmente aborda o ensino e a pesquisa das literaturas em língua inglesa. Tratam eles dos níveis secundários e superior – graduação e pós-graduação, em instituições públicas e privadas e também analisam perspectivas futuras para a área no Brasil.

O nome do livro – *História do ensino e da pesquisa na área de Inglês no Brasil* – traduz o objetivo norteador do projeto, qual seja, o registro de elementos para identificação de rotas, rumos, contornos e perspectivas futuras para a área. O livro analisa as dimensões essenciais do ensino e pesquisa da área em nosso país: aspectos legislativos, históricos, associativos, institucionais, acadêmicos. Esses caminhos nos levam à colheita

dos frutos obtidos ao longo da história da língua inglesa e respectivas literaturas no país. Em tempo de colheita, algumas sementes se perdem ao caírem em terreno árido, enquanto outras se frutificam em solo fértil.¹ São esses frutos que nos interessam para o livro.

¹ MUTRAM, M. Língua inglesa: tempo de colheita. *Estudos Avançados*, n. 8(22), USP, 1994.

Capítulo 6

A pós-graduação em literaturas de língua inglesa no Brasil – resgate e rumos

Cristina M. T. Stevens

Exchange is oxygen.

Aimée Cesaire, Discourse on colonialism

Resumo

O presente trabalho analisa os programas de pós-graduação em literaturas de língua inglesa desenvolvidos em universidades brasileiras; traçaremos os contornos e a macro-situação desses programas, expansão e novas tendências. Buscamos também delinear o perfil de interesses, linhas de pesquisa e produção acadêmica da área. A partir de uma análise geral desses dados sob uma perspectiva ideológica de exercício de poder cultural, tentaremos desenvolver algumas reflexões sobre a contribuição da área no processo educacional brasileiro.

Abstract

The present work analyzes the post-graduate programmes in Literatures in English Language developed in Brazilian universities. We discuss the general outline of these programmes, their research interests, scientific production, and new trends. A brief analysis of these data from an ideological perspective will enable us to comment on the role of the area for our educational process.

Introdução

O objetivo do presente trabalho é apresentar um quadro geral e desenvolver uma breve análise da pós-graduação em literaturas de língua inglesa¹ em universidades brasileiras, a partir da criação do primeiro programa nesta área na Universidade de São Paulo em 1971, seguido, no mesmo ano, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Este trabalho não tem natureza teórica ou puramente acadêmica; o impulso inicial do presente projeto é o conceito, já expresso de várias formas por filósofos, escritores e pesquisadores, de que o individual é também político. Estou movida por uma necessidade pessoal de refletir sobre a relevância do meu trabalho e acredito que essa preocupação é também sentida por aqueles que dedicam sua vida profissional ao ensino de LLI no Brasil.

Ao longo de mais de trinta anos de prática docente na área de inglês² – dos quais vinte e cinco se situam na área de LLI, e a partir da minha atuação em pesquisa e pós-graduação na área,

¹ Neste trabalho elas serão referidas como LLI.

² Iniciei minha prática profissional em 1971 como professora de língua inglesa no 2º grau; em 1977 ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Norte para lecionar língua inglesa e literaturas correspondentes. Desde 1987 na Universidade de Brasília, sou professora/pesquisadora na área de LLI. Além das experiências acadêmicas, fui secretária da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (Anpoll) (biênio 1992-1994), vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos Americanos (Abea) (biênio 1994-1996) e, desde 1989, sou secretária da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês (Abrapui).

enriquecida com os encontros, regulares promovidos pelas associações acadêmicas em nosso país³ – pude observar um saudável movimento de diversificação, tradições e descontinuidades, que me motivaram a tentar registrá-los brevemente. Este trabalho não pretende ser conclusivo, nem examina todos os programas em LLI; por amostragem, busquei coletar indicadores para subsidiar discussões futuras relativas à contribuição da LLI para os cursos de Letras. Uma ampliação e um estudo mais aprofundado dessa base de dados poderia ser objeto de trabalhos posteriores, com o objetivo de analisar o papel da área de Letras/LLI no processo educacional brasileiro.

Na minha análise, pretendo evitar os “extremos da auto-exaltação e da auto-comiseração”, como bem colocou o professor Antonio Dimas, na abertura do XVII Encontro Nacional da Anpoll, sobre a pós-graduação em Letras e lingüística no Brasil – *Memória e projeções: apontamentos para uma reflexão sobre demandas e especificidades da área*.⁴ Mas não posso deixar de registrar que uma rápida olhada pelos programas de LLI no Brasil nos faz constatar que já temos a pós-graduação consolidada nesta área, apesar das inúmeras e bem conhecidas dificuldades enfrentadas pelas instituições de ensino superior em nosso país. Ao mesmo tempo, sentimos que o “peso do passado” parece constituir base sólida que pode tornar difícil a renovação desses programas – o que, entretanto, já se encontra em processo.

Iniciaria por contextualizar nossa área no mapa da pesquisa no Brasil; conforme dados fornecidos pela Coordenadoria de Organização e Tratamento da Informação da Capes, são esses os números da pós-graduação em nosso país:⁵

³ Citaria aqui as principais que conheço e de cujos eventos tenho participado com regularidade: Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), Abrapui, Anpoll, Abea.

⁴ UFRGS, 24 a 28 de junho de 2002.

⁵ Gostaria de expressar meus agradecimentos aos funcionários da Capes Edilma Macedo e Thiago F. Soares pela eficiência e gentileza no fornecimento dos dados solicitados àquela coordenação.

- Área de concentração: 70
- Área básica: 220
- Programas em funcionamento: 1.586
- Cursos em funcionamento: 2.449

Dentro desse contexto, a área de letras e lingüística tem – de acordo com os registros da Anpoll em 2002 – sessenta programas, além de cinco novos programas em processo de implantação. Portanto, enquanto a área de letras representa 4,1% dos programas de pós-graduação desenvolvidos em universidades brasileiras, os programas em LLI constituem apenas 16,9% desta área e 0,7% do total da pós-graduação no Brasil. Analisando os dados da Abrapui, verificamos que cerca de 80% dos seus aproximadamente 700 associados trabalham com o ensino de língua inglesa – reflexo natural da demanda do mercado, que ocorre majoritariamente nesta área. Alguns desses professores lecionam língua e literatura, enquanto apenas cerca de 20% trabalham exclusivamente na área de LLI. Esses breves dados evidenciam que nós, docentes/pesquisadores em LLI, representamos uma força acadêmica e político-institucional bem pequena e com pouquíssima capacidade de atuar numa macrodimensão para influenciar na implantação e desenvolvimento de políticas globais de pós-graduação em nosso país. Em nível de representação de nossa área na Capes, no momento constituímos aproximadamente 9% dos 24 membros que compõem o comitê assessor da área de Letras e Lingüística. Tal coordenadoria, talvez seja o órgão mais importante na definição de políticas de pós-graduação no Brasil e que define, entre inúmeras outras coisas, o perfil de excelência a partir do qual os programas de pós-graduação são autorizados a funcionar e são regularmente avaliados. E sabemos que só o reconhecimento da Capes confere aos programas validade nacional e internacional. Espero que possamos manter – ou aumentar – esse percentual de representação e que possamos também otimizar o aproveitamento deste espaço vital.

Acho oportuno citar aqui o trabalho do professor Dilvo I. Ristoff (UFSC), que, paralelamente ao desenvolvimento de uma pesquisa de qualidade na área de LLI, tem também produzido trabalhos no âmbito da política universitária de alcance mais geral. Como caracteriza o apresentador do seu livro *Universidade em foco: reflexões sobre a educação superior, o trabalho do professor Ristoff* não é “um mero exercício mental descontaminado do chão”; ele aponta problemas concretos que atingem a universidade brasileira no momento atual,⁶ como por exemplo, a questão do investimento em pesquisa no Brasil, a universalização da universidade, as dificuldades da prática interdisciplinar, entre outros. Comparando dados da Universidade Federal de Santa Catarina com os da prestigiada Universidade da Carolina do Norte-Chapel Hill, no capítulo “No país do milagre”, o professor Ristoff desmistifica a noção de que trabalhamos menos e custamos mais caro que os professores/pesquisadores americanos e conclui com o apelo que precisamos fazer incansavelmente:

É verdade que dizem quase nada sobre a marcante presença dessas instituições [universitárias públicas brasileiras] na vida de seus estados, sobre a sua produção científica e a sua significativa contribuição ao avanço do conhecimento. Afinal, essas instituições fazem muita pesquisa e extensão, além de sua dedicação ao ensino. Os dados confirmam, entretanto, o que os administradores das universidades brasileiras vêm repetindo com tanta insistência: que nossas bibliotecas, pequenas e desatualizadas, clamam por recursos; que os laboratórios didáticos, sucatiados, precisam de recuperação permanente; que os salários de professores e servidores precisam melhorar; que as universidades precisam seguir agressivamente rumo à informatização; que é um desperdício inaceitável de recursos, humanos e materiais, investir tão pouco em educação, básica e superior; que a universidade

⁶ Apenas para ilustrar a “tônica” do livro, citaria o artigo *Pesquisa é Investimento*, o qual o professor Ristoff conclui com as palavras do reitor de uma universidade norte-americana: “se você acha que a educação custa caro, tente a ignorância” (p.136).

pública, não obstante algumas distorções, é bem mais eficiente e eficaz do que dizem os privatistas de plantão; em poucas palavras, que a universidade pública precisa de mais e não de menos recursos.⁷

Saindo um pouco dessa explicação mais ampla e introdutória, gostaria de salientar um outro ponto, ligado aos veículos para publicação de nossa produção científica, identificados pela análise de dados do Qualis:⁸ dos 584 itens listados no Qualis, a nossa área tem apenas quatro periódicos específicos: *Ilha do Desterro*, da Universidade Federal de Santa Catarina, *Crop e Abei Journal*,⁹ da Universidade de São Paulo, e *Open to Discussion*, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Destas, apenas a primeira tem conceito A. Surpreendeu-me também a ausência no Qualis do já consolidado periódico *Estudos Anglo-Americanos*, publicação da Abrapui com corpo editorial e circulação nacional desde sua fundação em 1974 – portanto, a mais antiga publicação de nossa área no Brasil. (Ao ser informada pelo presidente da Abrapu – associação responsável pela publicação da *Estudos anglo-americanos* – sobre a inclusão da revista no sistema Qualis, verifiquei na atualização de 2002 feita pela Capes (março de 2003) e não a encontrei nos 589 itens que integram o referido sistema). Como cabe aos programas de pós-graduação – através dos relatórios anuais de seu corpo docente – a alimentação deste importante banco de dados, precisamos corrigir esta preocupante omissão.

Além dos periódicos acima citados, nossa produção acadêmica tem sido veiculada em outros espaços; uma breve análise de alguns periódicos da área de letras listados no Qualis eviden-

⁷ RISTOFF, D. *Universidade em foco*. Florianópolis: Editora Insular, 1999. p. 232.

⁸ Conforme definido em documento da Capes, o “Qualis é o processo de classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da produção intelectual de seus docentes e alunos. Tal processo foi concebido pela Capes para atender a necessidades específicas do sistema de avaliação e baseia-se nas informações fornecidas pelos próprios programas por meio do Coleta de dados”.

⁹ Associação Brasileira de Estudos Irlandeses (Abei).

cia crescente participação de pesquisadores em LLI nesses veículos, dos quais citaria: *Aletria* (UFMG), *Cadernos de Letras* (UFRJ), *Cerrados* (UnB), *Contexturas* (Apliesp), *Estudos Feministas* (UFSC), *Gragoatá* (UFF), *Itinerários* (Unesp-Araraquara), *Intercâmbio* (PUC-SP), *Língua e Literatura* (USP), *Revista da Anpoll*, *Revista de Letras* (UFPR), *Revista de Letras* (Unesp).

A penetração do nosso trabalho também pode ser verificada a partir de um rápido exame dos dados obtidos no Qualis relativos aos anais de eventos da área de letras; das 471 entradas registradas no sistema em 2001, podemos verificar nossa participação em vários eventos relevantes, dos quais ressaltaria, além de inúmeros encontros locais e regionais (como por exemplo, as Semanas e os Colóquios de Letras, realizados regularmente em várias universidades), outros congressos regulares: Brazilian Studies Association (Brasa), Congresso Ibero-Americano de Tradutores e Interpretes (Ciati), Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Canadenses (Abecan), Encontro Internacional de Estudos Medievais, Encontro Internacional A Representação da Imagem Feminina, Encontro Internacional de Tradutores, Congresso Internacional Fazendo Gênero, Encontro Internacional Todas as Letras:Língua e Literatura, Encontro de Professores de Línguas e Literaturas Estrangeiras (Eple), Poetics and Linguistics Association (Pala), International Conference, American Studies Association Annual Conference, International American Studies Association Conference, Seminário Nacional Mulher e Literatura, Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema (Socine), além dos já conhecidos congressos internacionais da Abralic, os seminários nacionais de professores universitários de literaturas em língua inglesa (Senapullis), encontro nacional de professores universitários de inglês (Enpulis), os encontros da Anpoll, da SBPC, e as jornadas da Abea.

Com relação aos programas de pós-graduação em LLI, os programas da USP (Letras-Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Norte-Americana – M e D) e da UFSC (Letras-Inglês e Litera-

tura Correspondente – M e D), têm uma definição bem nítida do objeto de estudo.¹⁰ Além desses, a LLI está inserida em outros programas de denominação mais geral. São eles: Letras-Estudos Literários (UFMG), Letras (UFPB), Letras-Estudos Literários (UFPR), Letras (UERJ), Letras (UFF), Programa Interdisciplinar em Lingüística Aplicada (UFRJ), Letras (UFRGS), Estudos Literários (Unesp-Araraquara), Letras (Unesp-S. J. Rio Preto).

Faremos um breve histórico da pós-graduação em Letras da UFPR, pois ela ilustra processo semelhante ocorrido em outras universidades, ou seja, a incorporação da área de LLI na área mais ampla de Estudos Literários, o que propicia o saudável desenvolvimento de estudos comparados. Iniciada em 1975 com o Mestrado em Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa, a pós-graduação naquela universidade expandiu-se e, em 1984, abriu outra área de concentração – Lingüística e Língua Portuguesa; com a criação de uma nova área de concentração – Literatura Brasileira, a pós-graduação em Letras na UFPR reestruturou o seu programa para ter duas áreas de concentração, a saber: Estudos Lingüísticos e Estudos Literários, em que a área de LLI está inserida; até 2001, a área teve 33 das 197 dissertações defendidas pelo programa, com aproximadamente 90% delas trabalhando com temática relacionada à literatura do século XX.

Como nas demais áreas de pesquisa e pós-graduação em nosso país, as áreas de letras, lingüística e artes também evidenciam preocupante concentração geográfica e institucional, com regiões hipercobertas, enquanto outras estão completamente descobertas, como as Regiões Norte e Centro-Oeste, conforme constatado no relatório do Grupo de Trabalho da Área de Ciências Humanas, Letras, Lingüística e Artes.¹¹ Entretanto, conforme

¹⁰ Vale aqui salientar que as recentes pesquisas e produção científica do programa da USP – tradução, literatura anglo-irlandesa, produção literária pós-colonial, ensino de literatura, etc. – talvez remetam para uma futura modificação de sua denominação.

¹¹ Conforme explicitado em FIORIN, J. L. Pós-graduação: enfrentando novos desafios. *Infocapes* v. 9, n. 2 e 3, p. 47. Relatório das áreas de letras, lingüística e artes.

podemos constatar neste mesmo relatório, apesar de identificados os problemas das áreas de letras, lingüística e artes, não há menção de deficiências ou problemas na área de LLI. Cabe a nós, portanto, verificar se essas deficiências existem e como elas podem ser minimizadas, já que elas não são objeto de atenção no referido relatório,¹² apesar de ter sido elaborado com o objetivo de mapear a pós-graduação desenvolvida em universidades brasileiras, para identificar problemas e sinalizar metas para a solução desses problemas.

Busco agora avançar este trabalho em outra direção – de natureza mais ideológica. Acredito que posso delinear um breve histórico dessa dimensão política de nossa área, a qual tem trabalhado esta problemática com crescente interesse. Gostaria inicialmente de observar que, durante o XXII Senapulli, organizado pela Abrapui, em 1990, os professores Dilvo Ristoff, Susana Funck e Sérgio Bellei, da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentaram trabalhos relacionados não com questões puramente acadêmicas, mas com reflexões envolvendo a política do ensino das literaturas inglesa e norte-americana em universidades brasileiras.

Os trabalhos pareceram-me extremamente importantes, pois exploravam aspectos conflitantes que enfrentamos na nossa prática diária de ensino, pesquisa e extensão em LLI, mas aos quais não temos dedicado a necessária atenção; eles falavam das dúvidas, ansiedades e hesitações que experienciamos por causa das difíceis opções que temos de fazer quando trabalhamos questões curriculares dos cursos em que a área de LLI se insere, quando criamos disciplinas e ementas para estes programas ou até quando montamos os planos de aula para os cursos que ensinamos

¹² Um exemplo dessas deficiências: dos dezessete doutores do programa de pós-graduação em literatura – teoria literária e literatura brasileira – da Universidade de Brasília, sou a única docente com PhD em LLI, atuando na área de teoria e crítica feminista e literatura comparada; acho que esse problema do isolamento e conseqüente fragilidade do nosso trabalho deve acontecer com vários colegas que atuam em LLI nos programas de pós-graduação em outras universidades do país.

regularmente, na graduação e na pós-graduação. Exploravam também sentimentos de culpa e desconforto que às vezes sentimos por trabalharmos com LLI numa atmosfera de crescente e necessária reação aos injustos imperialismos culturais e econômicos do mundo contemporâneo. Finalmente, eles nos apontavam estratégias criativas para trabalhar estas questões: essas estratégias precisariam ser expandidas e aperfeiçoadas a fim de que pudéssemos adotar um comportamento que o professor Bellei muito bem caracterizou como “antropofagia cultural”, utilizando o já conhecido termo do poeta e crítico brasileiro Augusto de Campos, o qual, por sua vez, se espelhou no movimento pela nacionalização da nossa arte e nossa cultura, o sentimento de *tupi or not tupi*, que caracterizou o movimento modernista no Brasil dos anos 1920.

O professor Bellei retoma essa noção de “canibalismo” cultural, segundo a qual devemos procurar absorver conhecimentos de outros países sem perder a nossa hegemonia cultural. Para isso, precisamos adotar uma postura em que a informação nova é digerida e transformada em fonte de energia para a produção de conhecimentos originais e válidos para a nossa cultura. Isso implica na absorção de textos não sob a forma de compreensão passiva, mas de ativa, consciente e de independente apropriação para a construção de novos significados que respondam às nossas necessidades. Em um de seus livros, *Nacionalidade e literatura*, o professor Bellei mantém essa preocupação, a qual tem informado o seu trabalho intelectual nos últimos anos. Discordando do pensamento de alguns colegas de nossa área, acredito que até hoje esse problema não está ultrapassado; concordo integralmente com a posição do professor Bellei, quando enfatiza a necessidade de trabalharmos para construir uma história brasileira da literatura norte-americana (e outras literaturas produzidas em língua inglesa, acrescento eu), organizada sob a perspectiva do nosso contexto. Precisamos expandir também o ensino e

a pesquisa na área de estudos pós-coloniais, para que a LLI não seja sinônimo de literatura inglesa e norte-americana apenas.¹³

Nós, professores que trabalhamos com uma literatura/cultura estrangeira, somos não raramente classificados como culturalmente deslocados, inúteis e elitistas. Ao mesmo tempo, corremos o risco de adotar uma postura de reverência em nosso processo de conhecimento e divulgação da cultura de países dominantes, diante dos quais temos reações ambivalentes de admiração e cobrança ou ressentimento. Lembro agora as palavras de Gerald Graff, que caracterizou, em seu livro *Professing literature: an institutional history*, o ensino de literatura estadunidense como uma espécie de educational Monroe Doctrine.¹⁴ Empreendimento bem-sucedido?

Acredito firmemente que nosso país, adormecido por séculos de subserviência aos dispositivos europeus e estadunidenses que nos foram impostos, encontra-se em dinâmico processo de busca dos seus próprios instrumentos de pensar, de sua substância brasileira. Não estamos sob nenhuma hipótese defendendo uma rejeição xenófoba à contribuição estrangeira. Desnecessário parece-me justificar aqui a importância do conhecimento de outras culturas para o enriquecimento da nossa própria, sobretudo no atual estágio de internacionalização do mundo moderno. Minha preocupação é verificar como que nós, enquanto pesquisadores brasileiros, estamos incorporando o produto estrangeiro em nossa cultura; se estamos integrando-o de forma útil e positiva à nossa experiência, ou se o estamos transformando em nosso “superego”, absorvendo incondicional e subservientemente processos e valores culturais alheios às nossas aspirações e contexto específico. Essa atitude questionadora, felizmente assumida na prática docente e de pesquisa de tantos colegas, precisa ser constantemente exercitada e renovada, penso.

¹³ Gostaria de expressar meu desconforto com a terminologia *norte-americana*, substituída a partir de agora pelo termo *estadunidense*.

¹⁴ GRAFF G. *Professing literature: an institutional history*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987, p.130.

O interminável conflito entre posições de subordinação e contestação, contenção e subversão, os quais são dialéticos e relativos; os fenômenos de aculturação e de sincretismo; as negociações éticas e epistêmicas envolvidas na complexa “genealogia do poder”; a posicionalidade heterogênea dos produtores, mediadores e consumidores de culturas; a recuperação de conceitos como o perspectivismo nitzscheano à luz do comportamento proteiforme do pós-estruturalismo; esses riquíssimos conceitos, trabalhados por Raymond Williams, Gramsci, Althusser, Homi Bhabha, Franz Fanon, Aimé Césaire e tantos outros brilhantes teóricos da sociedade contemporânea não podem ser encapsulados no espaço limitado deste trabalho, sob pena de os vermos procustianamente listados em forma de pastiche. Gostaria apenas de enfatizar que esta preocupação com os elementos históricos, sociais e políticos que marcam os estudos literários mais recentes, constitui o elemento articulador e a perspectiva básica de várias dissertações, teses e demais tipos de produção acadêmica mais recentes em nossa área, o que aponta caminhos promissores de redefinição da importância e dos objetivos da área de LLI no Brasil.¹⁵

O ensino e a produção de literatura no Brasil têm sido profundamente influenciados por essas vigorosas formulações teóricas que estão acontecendo no campo da literatura desde os anos 1970, quando observamos uma radical problematização, questionamento e revisão de valores, conceitos e hierarquias que desestabilizaram conceitos ortodoxos de valor que nos iluminavam. Nessa “troca da guarda” na academia, uma consequência positiva foi a relativização dos antigos “deuses” teóricos que sempre tinham seus seguidores incondicionais. A perspectiva pós-estruturalista e os consequentes conforto/insegurança do relativismo cultural; o esforço revisionista das críticas feminista e pós-colonial; a atmosfera multifacetada do multiculturalismo;

¹⁵ Os elementos utilizados na presente análise foram retirados dos seguintes sites: www.letras.ufmg.br/poslit; www.humanas.ufpr.br/posletras; www.ufsc.br/pgi; www.fflch.usp.br; www.ufpb.br; www.ufjf.br; www.uerj.br.

esses são conceitos complexos e desafiadores da nossa condição pós-moderna. A partir daí, a estética emerge com construção social, não ideal universal, mas de heranças culturais, sociais, posicionalidades e contingências.

Sem querer sugerir para nós o papel de destruidores edipianos de nossas origens teóricas, gostaria de observar que esta verdadeira “revolução” teórica está construindo linguagens e conceitos com os quais nós pesquisadores brasileiros conseguimos nos identificar mais confortavelmente. Entretanto, insisto, não podemos esquecer que continuamos a importar essas teorias, concebidas na Europa e manufaturadas nos Estados Unidos, que exportam seu excedente para consumo em outros países. Por outro lado, não podemos ignorar que cada vez mais se fortalece a consciência – bem como uma nova praxis acadêmica – da importância de trabalharmos dialeticamente essas atitudes conflitantes, quais sejam, comportamentos marcados por um nacionalismo exacerbado, que provoca uma extrema e empobrecedora negação de influências estrangeiras por um lado e, por outro lado, atitudes colonialistas de aceitação passiva de modelos externos. Acredito, todavia, que é necessário aguçarmos constantemente nosso espírito crítico para evitar atitudes acadêmicas de simplesmente copiar teorias importadas, o que durante muito tempo caracterizou o meio universitário brasileiro.

Tomando mais um empréstimo confortável de um teórico estrangeiro, lembraria aqui as palavras de um dos grandes teóricos do pós-colonialismo, Edward Said, o qual escreveu em seu *Culture and imperialism*:

The history of such fields as comparative literature, English Studies, cultural analysis, anthropology, can be seen as affiliated with empire and, in a manner of speaking, even contributing to its methods for maintaining Western ascendancy over non-Western natives.

Mas ele também acrescenta: “Our interpretative change of perspective allows us to challenge the sovereign and

unchallenged authority of the allegedly detached Western observer".¹⁶

Apesar do horizonte aparentemente glamoroso das novas teorias brevemente citadas neste trabalho, gostaria aqui de lembrar as palavras do professor Sergio Bellei, que, em seu artigo *Brazilian Culture in the Frontier*, publicado no *Bulletin for Latin American Research*, questiona o conceito aparentemente tão libertador de mediação. Ele nos alerta que, com a mediação, temos a sensação de que fomos promovidos subitamente, ou seja, não somos mais imitadores, mas *mediadores*. Desta forma, não precisamos nos sentir culpados de estarmos continuamente e crescentemente importando teorias da Europa e dos Estados Unidos. Bellei então conclui seu argumento (o qual não é tão simples como estou tentando resumir aqui) observando que "mediation may be very comforting but unfortunately unable to change existing social and economic conditions... Emphasizing mediation rather than open resistance tend to preclude rather than promote change".¹⁷

A Abrapui já completou trinta anos de relevantes trabalhos para a melhoria do ensino de língua inglesa e suas respectivas literaturas; é nosso principal fórum para discussões acadêmicas. Poderíamos então aproveitar melhor esse fórum privilegiado e torná-lo também um espaço para maior discussão e formulação de políticas de ensino e pesquisa para a nossa área; preocupame, entretanto, o fato de termos avançado muito pouco na discussão de políticas globais, para a área, que contemplem alguns

¹⁶ SAID, E. *Culture and imperialism*. Londres: Vintage, 1994, p. 59. "A história de áreas como literatura comparada, estudos britânicos, estudos culturais, antropologia, pode ser vista como associada ao império, e, de certa forma, até contribuindo com seus métodos para manter a ascendência dos povos ocidentais sobre os não-ocidentais... Nossa mudança de perspectiva interpretativa nos permite desafiar a soberania e a autoridade não desafiada do supostamente distanciado observador ocidental" (minha tradução).

¹⁷ BELLEI, S. *Brazilian culture in the frontier*. *Bulletin of Latin American Research*, v. 14, n. 1, p. 47-68, 1995, "A mediação pode ser muito confortável mas infelizmente incapaz de mudar as atuais condições sociais e econômicas... Enfatizar a mediação em vez da resistência aberta tende a escamotear, e não a promover, mudança" (minha tradução).

dos questionamentos aqui explicitados. Nossos seminários anuais tratam basicamente de assuntos acadêmicos, e não desenvolvem reflexões aprofundadas sobre a política de ensino de inglês no Brasil. Cabe a nós dar mais visibilidade a essa dimensão político-ideológica da nossa prática profissional.

Ao lado dessa preocupação de natureza mais ideológica, este trabalho também aponta uma outra dimensão que me parece relevante: a enorme separação entre as disciplinas de língua inglesa e as de LLI em nossos cursos de Letras. Entretanto, salientamos aqui a área de concentração em LLI do mestrado em Letras da UERJ, programa iniciado em 2001, com uma linha de pesquisa chamada Análise do Discurso em Língua Inglesa; exemplo de produção nesta área é o projeto de pesquisa Avaliação e Interdiscurso em Narrativas de Identidade. Além do trabalho da UERJ, o programa interdisciplinar em linguística aplicada da UFRJ tem uma vigorosa área de concentração – o discurso literário de língua inglesa, com considerável produção acadêmica, no qual salientamos o trabalho da professora Sonia Zyngier; pesquisando no Currículo Lattes da referida professora, percebemos que a maioria de sua produção acadêmica (23 trabalhos publicados em anais, 66 publicações em periódicos acadêmicos, sete capítulos de livros, nove livros publicados e organização de outros três, orientação de três dissertações de mestrado e dezessete orientações de iniciação científica) busca trabalhar conjuntamente a língua e a literatura, bem como o ensino de literatura. O programa da UFSC também tem apresentado algumas dissertações/teses que trabalham na linha da convergência entre essas duas áreas, como podemos ver no quadro apresentado posteriormente neste trabalho.

Com exceção desses dois programas, verificamos a quase que completa ausência de projetos de pesquisa, publicações e cursos que busquem a integração dessas duas áreas, que me parecem tão interdependentes. Uma análise preliminar de alguns dos veículos de publicação dos nossos trabalhos acadêmicos no Brasil (já mencionados neste trabalho) evidenciam essa preocupante desvinculação.

Observando-se os dados abaixo, os quais dizem respeito ao número de trabalhos (palestras, mesas redondas e comunicações) apresentados nos mais recentes Senapullis que já tiveram seus anais publicados,¹⁸ percebe-se que a natureza desses trabalhos refletem mais uma vez a ausência do diálogo entre os professores de língua inglesa e os de LLI:

Ano do evento	Área de trabalho		
	LLI	Língua/literatura	Tradução
1995	53	4	5
1996	63	3	4
1997	72	4	6
1998	62	3	1

Os encontros anuais da Abrapui mantêm os espaços distintos entre as duas áreas, as quais, a partir de 1979, passaram a organizar seus encontros acadêmicos separadamente. Existe um crescente interesse em viabilizar um encontro conjunto, mas esta iniciativa sempre enfrentou resistências em ambas as áreas, bem como dificuldades de ordem estrutural que adiaram a realização de um evento único envolvendo professores de língua inglesa e de LLI. Felizmente essa experiência se concretiza em abril de 2003, com o XXXII Senapulli – LLI: Visões e Revisões e o XVII Enpuli – A Interculturalidade no Ensino do Inglês. A própria escolha da temática dos encontros, os quais terão vários momentos de trabalhos conjuntos, evidencia o vigor das inovações teóricas e práticas (as quais vejo como mutuamente alimentadas) desta área no Brasil. Esperamos que haja uma expansão da pesquisa colaborativa em nossa área, o que será útil e enriquecedor para os dois segmentos. (O evento foi realizado com sucesso, o que levou as comissões nacionais do Senapulli e do Enpuli a pensar na expansão dos espaços comuns aos dois eventos e, até mesmo, na possibilidade de uma temática única para ambos.)

¹⁸ Os anais do XXXI Senapulli (2000) encontram-se em fase final de elaboração, e por isso não pudemos computar os dados do nosso último evento.

Universidade de São Paulo

	Cânone	Estudos culturais/interdiscip./ não-canônicos/ de gênero	Tradução literária	Ensino de literatura	Literatura irlandesa
1970	3M				
1971					
1972	2D	1M			
1973					
1974	1M				
1975					
1976					1D
1977		1M			
1978	1M/1D				
1979	2M	2M			
1980	3M				
1981	1M				
1982	1M				
1983					
1984	1D	2M			
1985	1M	1M/1 D			
1986					
1987	2D	2M	1D		1D
1988	2D				
1989	1D	1D			1M
1990			1D		1M/1D
1991					
1992					
1993		1M			1M
1994		1D			
1995	1M	1D			1M/1D
1996	3M	2M			2M/1D
1997	3M/1D	2M/2D	1M		
1998	3M/1D	2M	3M		2D
1999		1M/1D	1M	1M	1D
2000	1M	6M/1D	2D	2M	
2001		1M	1M	1D	

Universidade Federal de Santa Catarina

	Cânone	Estudos pós-coloniais/ não-canônicos	Estudos de gênero	Estudos culturais/ interdisciplinares	Interface língua/ literatura
1973			1M		
1974					
1975	2M	1M			
1976	2M				
1977			1M		
1978	5M				
1979	4M		2M		
1980	7M	1M			
1981	6M		1M		
1982	3M				
1983	2M	2M			
1984	1M				
1985	3M				
1986	1M				1M
1987		1M			1M
1988	1M				
1989	1M		3M		
1990			1M		
1991	3M		1M		
1992	2M		6M		
1993	1M		4M		1M
1994		1M	1M		1M
1995	1M	1M	3M	2M	
1996	1M	1M/1D	2M/1D	1M	1M
1997				1M	1D(tradução literária)
1998	1M/1D			1M	
1999	3M	1M	1M	1M	1M/1D(tradução literária)
2000	2M/2D		1D		
2001	2M		4M/1D	3M/4D	

Em seguida, apresento um quadro demonstrativo das dissertações e teses defendidas até 2001 nos programas em LLI da USP e da UFSC, os mais antigos do país nesta área.¹⁹

Embora consciente das limitações inevitáveis de uma limitadora das teses nos itens anteriormente definidos, precisei organizar os dados para possibilitar uma rápida leitura; entretanto, gostaria de chamar atenção para alguns detalhes dessa classificação:

1. Quando defini o item Gênero, coloquei aqui não apenas teses/dissertações com uma clara preocupação da problemática de gênero como categoria analítica – como por exemplo: *Why can't women talk like a man? An investigation of gender in Pygmalion, by Bernard Shaw* (UFSC-2001/M) e *Race, gender and culture. The reconstruction of "America" by native women* (UFSC-2001/D). Também incluímos nesta categoria, aqueles trabalhos que escolheram escritoras como seu objeto de análise; exemplos dessa inclusão: *A study of the literary sources in Katherine Anne Porter's stories* (USP-1985/M) e *The uniqueness of Mary Shelley's Frankenstein in the gothic literary tradition* (UFSC-1993/M). O item Gênero aparece em coluna específica no quadro da UFSC, a qual tem expandido consideravelmente esta área, não só em LLI, mas sobretudo na pós-graduação em literatura brasileira. Dois de seus professores (Susana Funck, da área de LLI e Zahidé Muzart, de literatura brasileira) já foram coordenadores do GT Mulher e Literatura, da Anpoll. Essas professoras também fundaram a Editora Mulheres em 1996. A UFSC também edita a reconhecida revista acadêmica *Estudos Feministas* e já promoveu cinco encontros internacionais interdisciplinares – Fazendo Gênero.

¹⁹ Anexamos no fim deste capítulo uma relação dessas dissertações e teses.

2. A definição de um autor “canônico” foi feita a partir da sua identificação em antologias, mesmo que esses escritores sejam identificados como anti-establishment; exemplo disto é a dissertação *Variations of the beat influence in the different phases of Jack Kerouac’s work*. (USP-1987).
3. No quadro da USP, a classificação “não-canônica” engloba também estudos sob a perspectiva de raça, classe, estudos pós-coloniais e estudos culturais, como por exemplo a dissertação *A poesia de Bob Dylan na fronteira da canção popular e da poesia acadêmica* (USP-1997/M).
4. Com relação ao quadro demonstrativo da UFSC, identificamos uma tendência forte para os estudos culturais e sobretudo interdisciplinares, razão pela qual criamos uma coluna que engloba essa tendência, com trabalhos sobretudo em literatura e cinema, além de questões de raça e classe, linguagem, etc. Exemplo dessa tendência é a dissertação *Character, language and translation: a linguistic study of character construction in a cinematic version of Williams “A Street Car Named Desire”* (1999).
5. Das noventa dissertações de mestrado e quarenta teses de doutorado defendidas no Programa de Pós-Graduação em Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana da USP, 27 dissertações e oito teses não foram incluídas no quadro anterior por tratarem de temas específicos da língua inglesa; também não incluímos os trabalhos sobre tradução que foram produzidos dentro de uma abordagem lingüística e cultural, sem vinculação a aspetos literários e portanto fora do escopo do presente trabalho. Não estão incluídas no quadro da USP as cinco teses de doutorado defendidas entre 1950 e 1969, antes de o programa ter o funcionamento autorizado pela Capes (ver essas teses listadas em anexo no fim deste trabalho).

6. Com relação ao quadro da UFSC, temos 103 dissertações e quatorze teses defendidas pelo programa na área de língua inglesa/lingüística aplicada/tradução, pelos mesmos motivos também não incluídas no quadro anterior.

A partir da análise destes dados, gostaria de fazer algumas observações sobre o que identifiquei como tendências dos nossos programas de pós-graduação. Acredito ser importante registrar essas tendências, pois imagino que deveríamos avançar no desenvolvimento de coleta de dados com um maior número de instrumentos (tais como disciplinas ministradas, linhas de pesquisa, entre outros) e com um maior número de programas, para acompanhar com mais precisão esse desenvolvimento e diversificação bastante positivos em nossa área.

- a) Interesse por projetos interdisciplinares. Como evidência disto temos também a crescente participação dos nossos docentes nos encontros da Abralic e Abea; a Abea já teve cinco dos oito diretores de nossa área: Ana Lucia Gazolla (UFMG), Nancy Naro (UFF), Rita Terezinha Schmidt (UFRGS), Neuza Matte (UFRGS), Sonia Torres (UFF); esta última, atualmente vice-presidente da International American Studies Association (Iasa). O perfil comparatista e interdisciplinar da Abralic dispensa detalhamento; entretanto, como a Abea é um pouco menos conhecida, faremos sua breve descrição, retirada de sua homepage, o que nos dá uma idéia exata do perfil interdisciplinar dessa Associação. Fundada em 1984, a Abea já contou, em seus quadros, com mais de duzentos associados, oriundos das mais diversas instituições de ensino e pesquisa do país e do exterior, tendo realizado ao longo deste período, onze jornadas de estudos americanos. Com esses encontros, a Associação foi consolidando um perfil que, sem descaracterizar as suas origens, sintetiza as duas principais direções que hoje norteiam

os estudos americanos no Brasil: de um lado, o foco nas fronteiras do nacional, com estudos centrados nos Estados Unidos da América, abrangendo as várias áreas das ciências humanas e amparado na valorização das especificidades do saber e da cultura desenvolvidos naquele país; de outro, o foco no transnacional com estudos comparados Brasil-Estados Unidos, que privilegiam as analogias e as idéias de convergência, bem como a sua propagação na compreensão das relações de diferença presentes nos fenômenos interculturais.

- b) Aliado ao item anterior, percebemos ainda o interesse também crescente pelos estudos culturais, pela interface da literatura com questões de raça, classe, gênero e por enriquecedoras articulações epistemológicas. Como bem coloca a professora Maria Elisa Cevasco, apesar das dificuldades teóricas e práticas provocadas por essa ampliação do escopo do nosso trabalho, ainda assim poderemos fazê-lo:

Who in a literature department is going to teach those exciting new courses? Most of us are not trained in film theory, media studies or in any other related discipline. Ours was a literary training, and if we want to deal with other media, there is a lot of research to do. In this sense, cultural studies is definitely not our field. But having said that, I want to add that this need not refrain us from embarking on this interdisciplinary venture. Literary works, films, advertisements, TV soaps and even TV news, all share one common characteristic: they can all be considered ways of constructing experience, or organizing the meanings and values through which a society tries to make sense of itself in history... Our literary training has certainly given us a considerable amount of cultural literacy – that is, the ability to interpret signs in different media, and we should make use of this when venturing away from our traditional field.²⁰

²⁰CEVASCO, M.E. It is not my field: problems in the teaching of cultural studies. *Anais do XXX Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa*. Abrapui, Atibaia/SP, 1998, p. 338-345: Quem vai ensinar esses novos e

O sucesso dessas iniciativas pode ser ilustrado, dentre tantos outros exemplos, pela dissertação defendida na USP, em 1997, *A poesia de Bob Dylan na fronteira da canção popular e da poesia acadêmica*.

- c) Sobre os estudos de gênero e sua articulação com a literatura, gostaria de mencionar, apenas para ilustrar o interesse na área, que a participação de professores em LLI no XXX Seminário Nacional Mulher e Literatura foi transformada em um dos três volumes publicados em forma de livro.²¹ Registramos também a escolha da Professora Peonia Guedes na coordenação do GT Mulher e Literatura, da Anpoll, para o qual vem ingressando um bom número de pesquisadores que trabalham em LLI.
- d) Observamos com entusiasmo o enriquecimento do conceito de LLI com a incorporação de outras literaturas de língua inglesa – principalmente as literaturas irlandesa e canadense; registramos aqui o incansável e entusiasmado trabalho da Professora Munira Mutran, que atua com literatura anglo-irlandesa em todos os níveis de ensino e em vários espaços nacionais e internacionais de pesquisa

excitantes cursos em um departamento de literatura? A maioria de nós não tem treinamento em teoria do cinema, estudos de mídia ou disciplinas relacionadas. Nosso conhecimento é literário e se quisermos trabalhar com outras áreas precisaremos desenvolver muita pesquisa. Neste sentido, estudos culturais definitivamente não são nosso campo. Tendo dito isso, entretanto, gostaria de acrescentar que tal não deve nos impedir de embarcar nessas iniciativas interdisciplinares. Trabalhos literários, cinema, propaganda, novelas e até mesmo programas de notícias pela TV, tudo isso compartilha uma característica: todos eles são formas de construir experiência e organizar os significados e os valores com os quais a sociedade tenta encontrar seu papel na história... Nosso treinamento literário com certeza nos deu um conhecimento cultural considerável, ou seja, a habilidade de interpretar signos de origens diversas, e deveríamos utilizar esse conhecimento para abandonar um pouco nosso campo literário tradicional (minha tradução, p. 340).

²¹ GASOLLA, A. L.; DUARTE, C; ALMEIDA, S. G. de (Orgs.). *Gênero e representação em literaturas de língua inglesa*. Fale/UFMG, 2002.

e produção científica, dos quais salientamos a recente realização do Congresso Internacional – International Association for the Study of Irish Literatures (Iasil) (USP-2002).

Ainda dentro dessa tendência, observamos o desenvolvimento dos estudos de literatura pós-colonial – esta última, infelizmente, muito mais presente no campo da pesquisa e da produção científica do que no da prática docente; destacamos aqui o trabalho dos pesquisadores Kanavilil Rajapopalan (Unicamp) e Lynn Mario M. de Souza (USP), que têm atuado com excepcional vigor nesta área. A partir de uma rápida análise de algumas publicações e anais de eventos nacionais, observamos o promissor interesse por esses estudos pós-coloniais em nosso país.

- e) Pudemos observar também um crescente questionamento com relação ao estudo dos autores considerados canônicos; entretanto, como não analisei os cursos ministrados na pós-graduação, mas apenas a pesquisa e produção científica, não posso afirmar que esta atitude estende-se também à prática docente. Ilustraria essa relevante tendência citando o livro do professor Thomas Bonnici, *O pós-colonialismo e a literatura. Estratégias de leitura* (2000), no qual o referido professor não apenas sugere respostas pós-coloniais para nossas releituras de obras canônicas, mas também o estudo dessas obras por uma perspectiva de estudos comparados com a nossa literatura.
- f) Com relação à área de ensino de literatura, a qual considero extremamente relevante para nossa prática profissional, fico feliz em observar sua expansão, tão bem resumida pela professora Vera Helena Gomes Wielewicky em sua tese de doutorado *Literatura e sala de aula: sínopes e contratempos*:

Esta pesquisa é inserida no contexto de trabalhos sobre as LLI e seu ensino no Brasil. Apesar de as pesquisas sobre esse tema ainda serem poucas, pode-se perceber um crescente interesse sobre o assunto. Professores de LLI, ao que parece, estão começando a perceber que não apenas os conhecimentos específicos a serem “transmitidos” na sala de aula, envolvendo análises literárias, são importantes. Professores de literatura podem também se interessar pela sua sala de aula como prática pedagógica. Essa preocupação incipiente, mais comum na pesquisa da sala de aula de língua inglesa, faz-se sentir através de iniciativas como a realização de um encontro específico para a discussão do assunto, como o I Encontro Nacional sobre Ensino de Literaturas em Língua Inglesa (Enelli), na Universidade de Brasília, em 2000, coordenado pela professora Cristina Stevens. O número 37 da revista *Ilha do Desterro*, publicada pela Universidade Federal de Santa Catarina, também se dedica ao assunto, com o tema “The challenge of literature and foreign language teaching and learning”, editado pela professora Izabel Brandão, da Universidade Federal de Alagoas.

Alguns pesquisadores brasileiros têm se dedicado de forma mais específica ao estudo da aula de LLI. Sonia Zyngier, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, defende a estilística como meio de sensibilizar (sensitize) os alunos de LLI para o fenômeno literário... Os trabalhos de [Laura] Izarra [USP]... chamam a atenção para o contexto sócio-cultural e político do ensino de literaturas e para as relações de poder que ocorrem na interação que se dá na sala de aula... [Lynn Mario de] Souza [USP] e [Clarissa Menezes] Jordão [UFPR]... desenvolvem estudos etnográficos na sala de aula de LLI e também consideram as relações de poder que ocorrem nesse contexto em conexão com situações culturais, políticas e ideológicas (p.31-32).

Acrescentaria ainda o trabalho da professora Josalba R. Vieira, cuja tese de doutorado, defendida no programa de pós-graduação da Unicamp e orientada pela professora Matilde Scaramucci, trabalha na interface literatura e ensino de língua

inglesa – *A leitura de poesia e a discussão em grupo na sala de aula de inglês como literatura estrangeira* (1999). Não poderia deixar de mencionar aqui o trabalho do professor Lynn Mário M. de Souza (USP), cuja produção – conforme dados obtidos pelo sistema Lattes²² – se dá majoritariamente na área de estudos pós-coloniais e de ensino de literatura.

Após essa apresentação e breve análise de alguns dados da pós-graduação em LLI, registro novamente que estou consciente da natureza incompleta deste trabalho, que, para mim, teve o objetivo de problematizar e apenas iniciar o que acredito precisa ser aprofundado. Gostaria de encerrá-lo com o espírito com o qual ele foi desenvolvido, ou seja, com o empenho em salientar e utilizar basicamente o conhecimento produzido pelos nossos pesquisadores. Portanto, fecharia meu texto sinalizando dois pontos que acredito merecem nossa atenção. O primeiro ponto diz respeito a questões de natureza estrutural e política que precisam ser pensadas para um gradual redimensionamento dos nossos programas em face das experiências desafiadoras, como, por exemplo, a implantação de mestrados profissionalizantes. Este ponto está bem expresso nas palavras do presidente da Capes:

A pós-graduação nacional não pode mais se contentar com a tarefa de formar recursos humanos para o meio universitário e para a pesquisa acadêmica ou não acadêmica, apesar desta continuar sendo uma tarefa prioritária e fundamental. Um dos desafios cruciais que deve ser enfrentado pela pós-graduação nacional – além de formar quadros para o meio acadêmico e para a pesquisa – diz respeito a sua capacidade de prover o país nos seus mais variados meios profissionais de recursos humanos altamente qualificados.²³

A outra questão tem natureza mais acadêmica e ideológica; diz respeito à nossa prática profissional, bem definida pela pro-

²² Dezoito artigos, três livros, cinco capítulos de livros, organização de dois livros, orientação de duas dissertações de mestrado e duas teses de doutorado.

²³ *Infocapes*, v. 9, n. 2 e 3, p. 6, abr./set. 2001.

fessora Clarissa M. Jordão no seu conceito de literatura como atitude epistemofágica transformadora:

O termo *epistemofagia*, cunhado na combinação entre epistemologia e antropofagia, alude à digestão de significados diferentes e de suas maneiras de existir, numa mistura entre o que foi devorado e aquela que devorou, resultando num hibridismo que permite a formação de perspectivas novas de caráter múltiplo e a criação de processos diferentes de compreensão. Esses processos, considerados sempre em desconstrução, reflexivamente sujeitos e assujeitados à própria problematização, percebidos em suas relações de poder e legitimidade, levariam a um reconhecimento das estruturas de construção de sentidos que nos informam, ou seja, do nosso habitus cultural, e trariam a possibilidade de transformação dessas estruturas: uma vez reconhecidas como arbitrárias, embora não gratuitas, estaria aberta a possibilidade de construção de outros sentidos, num processo em que a transformação constante seria possível.²⁴

Referências bibliográficas

ANPOLL. A pós-graduação em Letras e linguística no Brasil: memórias e projeções. In: XXVII ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 2002. Gramado. *Boletim Informativo*, n. 31. Gramada, RS: UFRGS, 2002.

BELLEI, S. Teaching American literature in Brazil. Reading as cannibalism. *Anais do XXII Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa*. Poços de Caldas, MG: Abrapui, 1990, p.240-246.

²⁴ JORDÃO, C. *A educação literária "no lado dos Anjos"*. São Paulo, 2001. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. p. 151.

_____. *Nacionalidade e literatura. Os caminhos da alteridade*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

_____. The culture of mediation. *Anais do XXIV Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa*. João Pessoa: Abrapui, 1993. p. 9-18.

_____. Teaching American literature in Brazil: from meaning to significance. *Letras*. v. 4, n. 2. Campinas, SP: PUC-Campinas, SP, p: 74-85, 1995.

_____. Brazilian culture in the frontier. *Bulletin of Latin American Research*, n. 1, v. 14, p. 47-68, 1995.

BONNICCI, T. *O pós-colonialismo e a literatura. Estratégias de leitura*. Maringá: Editora da UEM, 2000.

BRANDÃO, I.F.O. (Org.). The challenge of literature and foreign language teaching and learning. *Ilha do Desterro*, n. 37, Florianópolis: EDUFSC, jul./dez. 1999.

CEVASCO, M. E. It is not my field: problems in the teaching of cultural studies. *Anais do XXX Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa*. Atibaia, SP: Abrapui, p. 338-45, 1998.

FUNCK, S. Deciding what to teach. *Anais do XXII Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa*. Poços de Caldas, MG: Abrapui, p. 224-229, 1990.

GRAFF, G. *Professing literature. An institutional history*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

IZARRA, L. Crossing the borders: the turning point in the teaching of English literatures to “foreign” students today. *Anais do XXIX Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa*. Atibaia, SP: Abrapui, p. 156-167, 1997.

JORDÃO, C. *A educação literária "no lado dos Anjos"*. São Paulo, 2001. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

RISTOFF, D. Educative rituals. The uneasiness of teaching American literature in Brazil. *Anais do XXII Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa*. Poços de Caldas: Abrapui, p. 230-239, 1990.

SOUZA, L.M.T.M. O rato que ruge. O discurso crítico-literário pós-colonial como suplemento. *Anais do XXVI Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa*. Campinas, SP: Abrapui, p. 116-120, 1994.

VIEIRA, J.R. *A leitura de poesia e a discussão em grupo na sala de aula de inglês*. Campinas, SP, 1999. Tese – Universidade de Campinas.

WIELEWICKI, V.H.G. *Literatura e sala de aula: sínopes e contratempos. A agência discente e as literaturas de língua inglesa em cursos de licenciatura em Letras*. São Paulo, 2002. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ZIZEK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1994.

ZYNGIER, S. Teaching literature to undergraduate EFL students. *English Teaching Forum*, v. 19, 1981, p. 33-34.

_____. Introducing literary awareness. *Language Awareness*, v. 3, n. 2, p. 95-108, 1994.

Universidade de São Paulo

I – Teses de doutorado defendidas até 2001

1. John Donne no movimento literário metafísico, 1950
2. Paterson e o poema épico americano moderno, 1962
3. Dialetos nas peças de Eugene O'Neill, 1968
4. Traduções brasileiras de Byron (1832-1911): contribuição ao estudo das influências byronianas no Brasil, 1969
5. Melville e as técnicas de persuasão em *Moby Dick*, 1972
6. A metáfora na poesia inglesa de Fernando Pessoa, 1972
7. Os princípios estéticos de Ford Madox Ford no seu desempenho como romancista, 1972
8. A personagem nos contos de Sean O'Faolain, 1976
9. Bellow's carnivalistic vision of the world in *Henderson the Rain King*, 1978
10. O elemento do absurdo na ficção da fase inicial de Huxley, 1984
11. Themes and narrative techniques in the novels of Virginia Woolf and Clarice Lispector, 1985
12. The seriocomic theatre of Tom Stoppard: parodic theatricality in travesties, 1987
13. A parallel study of James Joyce's *Ulysses* and Malcolm Lowry's *Under the volcano*, with emphasis on mock: heroic aspects, 1987
14. Yeats e a literatura do Renascimento italiano: significado de uma reflexão no limiar do séc. XX, 1987
15. O individual e o social no teatro de Peter Shaffer, 1988
16. American humor and Canadian humour Mark Twain and Stephen Leacock: a parallel study, 1988
17. A ficção e a mimesis na pós-modernidade: a obra de Ian McEwan, 1989
18. A tensão na poesia de Stephen Crane: constatada na sua recepção crítica e explicada historicamente pelo contexto em que foi produzida e artisticamente pelos elementos que constituem sua essência, 1989

19. Permanência e variedade em Brian Friel: uma travessia técnica, 1990
20. Past and present trends in literary translation studies, 1990
21. Espelhos e labirintos holográficos: o processo de uma “nova” síntese estética na obra de John Banville, 1995
22. Granville Barker: o transitar poético entre teoria e prática dramática, 1996
23. A presença do humor nos romances de Eudora Welty, 1997
24. Lincoln e Libra: duas concepções de romance histórico na literatura norte-americana, 1997
25. A arte e a estética dramática de Dion Boucicault: a construção dos melodramas irlandeses, 1998
26. Lady Gregory: uma dramaturgia de confluências teóricas e práticas, 1998
27. Donne At Lincoln's in and Whitehall: a study of the preacher and his audience, 1998
28. The nonessential victim in a persecution text: a reading of Toni Morrison's *The bluest eye*, 1999
29. Sean O'Casey's letters and autobiographies: reflections of a radical ambivalence, 1999
30. Ser ou não ser natural, eis a questão dos clichês de emoção na tradução audiovisual, 2000
31. De coadjuvante a protagonista: a tradução na tradução, 2000
32. As figurações do falso em: *O agente secreto*, 2000

II – Dissertações de mestrado defendidas até 2001

1. The short happy life of Francis Macomber: análise de um conto de Ernest Hemingway e suas traduções para o português, 1970
2. *The grapes of wrath*, de John Steinbeck e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos: estudo comparativo, 1970
3. Through a glass darkly: distortion and truth in the four narratives of Faulkner's *Absalom, absalom!*, 1970

4. O dialeto negro de 1880 a 1960 em obras de Joel Chandler Harris, Dorothy e Dubose Heyward, Marc Connelly, Langston Hughes, J. Baldwin e L. Hansberry, 1972
5. Word, image and symbol in H.H.'S early nature poetry, 1974
6. A independência feminina nos romances de D. H. Lawrence, 1977
7. Semelhanças formais e temáticas em obras de Graham Greene e William Golding, 1978
8. Murray Schisgal as dramatist. His development and position in the American theatre of the sixties, 1979
9. O teatro de Joe Orton, 1979
10. Setting in the novels of Edward Lewis Wallant, 1979
11. O problema do tempo nas *Three time plays*, de J. B. Priestley, 1979
12. The myth of the fall of man in William Golding's *Pincher Martin*, 1980
13. Materials for the study of O'Neill's adaptation of *The Oresteia* and Brecht's adaptation of *Antigone*, 1980
14. The red badge of courage e Maggie, a girl of the streets: um estudo sobre a inocência em Henry e Maggie, 1980
15. Placelessness as revealed in the settings of V.S. Naipaul's *The mimic men*, 1981
16. Conceitos de tempo e expressão da temporalidade em *Camino Real*, de Tennessee Williams, 1982
17. William Faulkner and Richard Wright: two views of a negro character, 1984
18. Fertility and sterility in Eudora Welty's vision of the South: an analysis of some stories, 1984
19. A study of the literary sources in Katherine Anne Porter's stories, 1985
20. As vozes da narração: técnicas do ponto de vista nos romances de Graham Greene, 1985
21. A semiótica da gíria na ficção inglesa e norte-americana, 1987

22. Variations of the beat influence in the different phases of Jack Kerouac's work, 1987
23. James Stephens – The demi-gods at the cross-roads, 1989
24. Time and scene in the novels of Elizabeth Bowen, 1990
25. Expressionist traces in Sam sheppards: the rock garden and curse of the starving class, 1993
26. The theatre of William Butler yeats: theory and practice, 1993
27. George Bernard Shaw and the crusade for a new theatre, 1995
28. John Donne e a crítica brasileira: três momentos, três olhares, 1995
29. A estética rural de John Millington Synge, 1996
30. Pai-filho: antagonismo – identificação na tetralogia de John Updike, 1996
31. O homen invisível: a busca da identidade, 1996
32. Tradição e inovação: elementos da poética do teatro em Lennox Robinson, 1996
33. *The gallery*, de John Horne Burns: irônicos retratos da guerra longe do front, 1996
34. Lavínia: a protagonista trágica de *Mourning becomes electra*, de Eugene O'Neill, 1996
35. O cosmo whitmaniano: três *personae* presentes em *Song of Myself*, 1996
36. Peter Shaffer: the apollonian-Dionysian conflict in the gift of the gorgon, 1997
37. O declínio da aristocracia sulista no universo fragmentado de Williams in *The glass menagerie* e *A streetcar named desire*, 1997
38. Edwin Morgan: o poeta do presente e do futuro – leitura de um expoente da literatura escocesa contemporânea, 1997
39. *Nostromo*: figurações do virtual, 1997
40. A tradução da poesia visual de E. E. Cummings, 1997
41. A poesia de Bob Dylan na fronteira da canção popular e da poesia acadêmica, 1997

42. O humor é coisa séria. Tradução de tiras: exemplificando com Frank e Ernest, 1997
43. A tradução da poesia brasileira nos Estados Unidos: uma cronologia crítica, 1998
44. Identity and temporality; a study of Edward Albee's *Three tall women*, 1998
45. A poética de representações: a construção contrapontística em quatro dos romances modernistas de William Faulkner, 1998
46. Brevidade e sublimidade: a ópera *Macbeth*, de Verdi como tradução da tragédia homônima de William Shakespeare, 1998
47. A baleia multiplicada: traduções. Adaptações e ilustrações de *Moby-Dick*, 1998
48. Proposta de tradução de *Huckleberry Finn*, 1998
49. A resposta da crítica à tradução no Brasil: o Prêmio Jabuti, 1998
50. *Langston Hughes*: poesia negra e engajamento, 1998
51. (Des)encontros ao luar: a alegoria maniqueísta no romance *A passage to India*, 1998
52. O conto do moleiro de Geoffrey Chaucer: uma tradução comentada, 1999
53. Ciranda de ficção no século XIX: *Blackwood's Edinburgh Magazine* no Brasil, 1999
54. Uma época e um autor. Um percurso pelo universo de Edith Wharton: suas personagens Lily Bart e Undine Spragg, 2000
55. Alice Walker: identidade cultural e história em *The third life of Grange Copeland*, 2000
56. *A book of common prayer*: a frustração de um testemunho reificado, 2000
57. Tradição e inovação da gênese do romance inglês: o narrador em Henry Fielding, 2000
58. O épico dos ancestrais e a geração de identidade(s) no útero do espaço pós-colonial: as estratégias (re)visionárias de Wilson Harris em *Resurrection at Sorrow Hill*, 2000

59. *O amante do vulcão de Susan Sontag: um romance de idéias*, 2000
60. Os (des)caminhos do feminino em *The voyage out*, de Virginia Woolf, 2000
61. A “canção” da identidade em *Songdogs*, de Colum McCann, 2000
62. *Versões do feminino: Virginia Woolf e a estética feminista*, 2001
63. Um estudo sobre a contribuição da crítica para a percepção das obras de Jack Kerouac traduzidas no Brasil, 2001

Universidade Federal de Santa Catarina

I – Teses de doutorado defendidas até 2001

1. *Perceptions of power in the contemporary American novel*, 1996
2. *Imperialism and resistance in the work of Margaret Laurence*, 1996
3. *Retextualizing dubliners: a systemic-functional approach to translation quality assessment*, 1997
4. *Greek versus modern tragedy in Eugene O’Neill*, 1998
5. *The translation of wordplay in Alice in Wonderland: a descriptive and corpus oriented study*, 1999
6. *Blood and stone on stage: Peter Shaffer’s tragic plays*, 2000
7. *Mindscapes: Laura Riding’s poetry and poetics*, 2000
8. *The reception of W. Somerset Maugham’s works*, 2000
9. *The gangster in film and literature: a study of a modern American monster*, 2001
10. *Race, gender and culture: reconstructions of “America” by native women writers*, 2001

11. From page to screen: a study of irony in adaptations of Jane Austen's *Emma*, 2001
12. "Wherefore to dover?" Space and the construction of meaning in filmic adaptations of Willians of King Lear, 2001
13. War-joy and the pride of not being rich: constructions of American and Brazilian national identities through to discourse on Carmen Miranda, 2001

II – Dissertações de mestrado defendidas até 2001

1. The dimensions of a woman's reality: a study of Virginia Woolf, 1973
2. Some aspects in the development of Melville's style and themes from narrative to symbolism, 1975
3. D.H. Lawrence: sex for the anti-puritanical puritan, 1975
4. Wilfred Owen as a pacifist, 1976
5. Art and artists in Lawrence Durrell, 1976
6. The persistence of Endymion, 1976
7. The sisters: a study of Lawrence's mode of female characterization, 1977
8. Economic relationships in F. Scott Fitzgerald's novels and life, 1978
9. Edgar Allan Poe: the non-scientific scientist, 1978
10. Awakening from the nightmare: a study of the democratic hero in Joyce's *Ulysses*, 1978
11. The violent art of Ted Hughes, 1978
12. Sinclair Lewis: the noble barbarian, 1978
13. Molière's *Don Juan* and Byron's *Don Juan*: two different approaches to the same theme, 1979
14. Nietzschean themes in O'Neill's plays, 1979
15. The theme of education through conflict in the early novels of George Eliot, 1979
16. Hawthorne's defense of nature against civilization, 1979
17. Malcolm Lowry's *Under the volcano*: a study of myth and symbol, 1979

18. Scott Fitzgerald's women: a view of the flapper as a projection of the author's anima, 1979
19. Madness in Shakespeare's major tragedies: a tentative analysis towards a laingian interpretation, 1980
20. The misplaced urbanite: a study of the urban experience of Saul Bellow's protagonists, 1980
22. Love and war in Hemingway's fiction, 1980
23. The theme of the child in the fictions of Nathaniel Hawthorne, 1980
24. Vision of Africa: the problems of identity as it relates to the American blacks, 1980
25. Trinity in the context of North-American romanticism, 1980
26. Saul Bellow's defense of man: the pattern of alienation, purgation and reconciliation in Saul Bellow's fiction, 1980
27. William Shakespeare: the fools and folly, 1980
28. The reconciliation between self and society in John Steinbeck's major novels, 1981
29. Charles Dickens's child novels, 1981
30. A comparative study of the female character in Margaret Atwood's fiction, 1981
31. The theme of blackmail in the plays of Lilian Hellman, 1981
32. Whose victory? The conflict between philosophical pessimism and belief in Joseph Conrad's *Victory*, 1981
33. Colonialism in the fictional works of Joseph Conrad, 1981
34. Skepticism and humanism in Forster's treatment of personal relations, 1981
35. The industrial nightmare: a study of the evils of industrialism from D.H. Lawrence's *The white peacock* to *Women in love*, 1982
36. The fantasy content of *Alice in Wonderland* and *Through the looking glass*, 1982
37. Joseph Conrad: a symbolic study, 1982
38. U.S. Avant-Garde literature & the Small Presses – 50's to 80's: the struggle for psychosocial liberation , 1983

39. Existential anguish in tennessee Williams' main protagonists in the following plays: *The glass menagerie*; *A streetcar named desire*; *Orpheus descending*; *The night of the Iguana*, 1983
40. Joan of Arc in Shakespeare, Twain and Shaw , 1983
41. *Gaelle*, a case-study, 1983
42. The value of perceptual experience in James' protagonists: the ambassadors and the golden bowl , 1984
43. *Brave new world* x 1984: a comparison, 1985
44. Relations of dominance and equality in D.H. Lawrence, 1985
45. Individualism and the pursuit of the unconscious in Melville and Conrad, 1985
46. Justice and memory: the struggle of race relations in William Faulkner, 1986
47. The theme of conflict in *Lord of the flies*: a linguistic study, 1986
48. Magical elements in the narrative structure of Fairy Tales, 1987
49. Fictional dialogue – a source of conflict , 1987
50. Modern utopia: a reading of *Brave new world*, 1984 e *Woman on the edge of time* in the light of More's *Utopia*, 1988
51. Landscapes as mentalscapes: Saul Bellow's use of setting in *Henderson the Rain King*, 1989
52. Feminism in two of Shaw's plays, 1989
53. Marge Piercy's female protagonists: beyond the stereotype of passivity?, 1989
54. Henry Bergson's theory of time and Virginia Woolf's *Mrs. Dalloway*, *To the lighthouse* and *The waves*, 1989
55. Doris Lessing's belief in wholeness of the self and cosmic harmony, 1990
56. Kezia's stories: a reading of four tales by Katherine Mansfield, 1991
57. The awakening process or the achievement of maturity in four novels of Henry James, 1991

58. Scarlet letters read and responded: the question of truth in Hawthorne and Updike, 1991
59. Jewish values in Philip Roth's fiction, 1991
60. The shattering of myth: Anne Sexton's transforming view of fairy tales, 1992
61. Allegory and symbolism in *The Scarlet Letter*, 1992
62. The use of fairy-tale elements in Margaret Atwood's novels, 1992
63. Brazil in the poetry of Elizabeth Bishop: a "dazzling dialectic", 1992
64. "Say nothing and it may not be true": focalization and voice in *Wide Sargasso Sea*, 1992
65. Sexuality and nature in Robert Frost's lyrics, 1992
66. Social reform in the fiction of Charlotte Perkins Gilman and Olive Schreiner, 1992
67. Adrienne Rich: towards a feminist poetics, 1992
68. Cross-sex miscommunication and power in fictional talk: a discourse analysis study, 1993
69. Cutting "aesthetic teeth": Flannery O'Connor's habit of art, 1993
70. The uniqueness of Mary Shelley's *Frankenstein* in the gothic literary tradition, 1993
71. Metalanguage in Emily Dickinson's poems, 1994
72. Urbanism as a [rural] way of life: John Steinbeck *versus* The socio-logical school of Chicago, 1994
73. Rites of passage in Richard Wright's fiction: from chaos to a *new world*, 1994
74. From traditional archetypal to feminist archetypal criticism: William Faulkner's female characters in *As I Lay Dying* and *Light in August*, 1995
75. Blade runners and electric sheep in cyberspace: the questions of human identity, 1995

76. A study of characterization and representation in James Joyce's *A portrait of the artist as a young man* and John Barth's *Lost in the funhouse*, 1995
77. Decolonizing African achebe: the work of Chinua Achebe, 1995
78. From master narratives to simulacra: an analysis of modernist aesthetics in Orwell's *1984* and postmodern aesthetics in Terry Gilliam's *Brazil*, 1995
79. Estranged lives: the romantic grotesque in Carson McCuller's fiction, 1995
80. Manifestations of the grotesque in Angela Carter's *Love and Wise children*, 1995
81. Death in the poetry of Dylan Thomas, 1996
82. Mother-daughter relationships and the search for identity in Toni Morrison's *The bluest eye*, *Sula* and *Beloved*, 1996
83. From objectification to self-affirmation: mirror imagery in Atwood's first three novels, 1996
84. "The best of them that speak this speech": language and empire in the William Shakespeare's *The tempest*, 1996
85. Social critique in Scorsese's *The age of innocence* and Madden's *Ethan Frome*: filmc adaptations of two novels by Edith Wharton, 1996
86. Imagined space: representations of the future city in science fiction short stories by Forster, Ballard and Gibson, 1997
87. Tim Burton's *The nightmare before Christmas* X *O estranho mundo de Jack*: a systemic linguistic perspective on the study of subtitling, 1998
88. Televised America: the presence of television in John Updike's *rabbit*, *run* and *rabbit redux*, 1998
89. The river and the margins: marginality and exclusion in Mark Twain's *Old South*, 1998
90. Marlowe's *Edward II*: from page to screen, 1999
91. Men like us: the figure of the male homosexual in Edmund White's fiction , 1999

92. Character, language and translation: a linguistic study of character construction in a cinematic version of Willians' *A streetcar named desire*, 1999
93. Going native: a Brazilian appropriation of William Shakespeare's *The tempest*, 1999
94. Class conflict in William Dean Howells's *The rise of Silas Lapham* and *A hazard of news fortunes*, 1999
95. Rethinking female archetypal images in Charlotte Brontë's *Jane Eyre* at the turn of the century, 1999
96. The reception of John Updike's fiction in the Brazilian media, 2000
97. Domination and resistance in Herman Melville's characters, 2000
98. An analysis of the protagonist's face work in *As good as it gets*: from an obnoxious hermit to a social human being, 2001
99. "Why can't women talk like a man?": an investigation of gender in play *Pygmalion*, by Bernard Shaw, 2001
100. Reconstructing identities: a study of Toni Morrison's *Beloved* and Dionne Brand's *At the full and change of the moon*, 2001
101. The uses of magic realism in Allende's *The house of the spirits* and Esquivel's *Like water for chocolate*, 2001
102. The American frontier: from Cooper to Hollywood, 2001
103. Two translated views of Capitu in *Dom Casmurro*: an investigation of textual and contextual features in the construction of femininity, 2001
104. Poetry and politics in Adriene Rich (1951-1999), 2001
105. Charles Simic's uses of history, 2001
106. D. H. Lawrence: drama and the craft of fiction, 2001
107. Rewriting forgotten histories: *The heirs of Columbus* and *A Coyote Columbus Story*, 2001
108. Arthur Miller's *Death of a salesman*: politics, social conscience, and the American dream, 2001

O nome do livro – *Caminhos e colheita* – traduz o objetivo central do projeto, que é a localização de elementos para identificação de rotas, rumos, contornos e perspectivas futuras para a área. A obra analisa as dimensões essenciais do ensino e da pesquisa da área em nosso país: aspectos legislativos, históricos, associativos, institucionais e acadêmicos.

Cristina Maria Teixeira

Stevens, doutora em literatura inglesa pela Universidade de São Paulo, é professora de literaturas de língua inglesa na Universidade de Brasília. É secretária da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês.

Maria Jandyra Cavalcanti

Cunha, doutora em linguística pela Universidade de Lancaster, Inglaterra, é pesquisadora na Universidade de Brasília. Publicou vários trabalhos no Brasil e no exterior na área de ensino de línguas estrangeiras.

Caminhos e colheita é o produto de um esforço historiográfico de professores e pesquisadores de várias universidades brasileiras que atuam na área de língua inglesa e literaturas correspondentes. A obra apresenta elementos para identificação de rotas, rumos, contornos e perspectivas futuras para a área. Analisa aspectos legislativos, históricos, associativos, institucionais e acadêmicos do ensino e da pesquisa da área em nosso país.

Código EDU: 366609

ISBN 85-230-0735-0



9 788523 007355